

## SÍNDROME DO ARRANCAMENTO DE PENAS EM ARARAS-CANINDÉS (*Ara ararauna*): RELATO DE CASO

SAROLLI, Vania Maria Muffato.<sup>1</sup>  
FREITAS, Edmilson.<sup>2</sup>

### RESUMO

A criação de psitacídeos em cativeiro oferece riscos ao bem-estar psicológico e físico desses animais, pois não consegue recriar as mesmas condições que o animal teria em vida livre, gerando estresse. O estresse pode causar vários distúrbios, incluindo arrancamento de penas, agressividade e alterações no ciclo reprodutivo. O tratamento é multifatorial, visto que se trata de uma síndrome de causas muitas vezes indetermináveis, e deve englobar mudanças na dieta, enriquecimento ambiental e alimentar, socialização, exercícios físicos, alterações em recinto, maior exposição à luz solar e acesso a banho. Este trabalho relata o caso de dois exemplares de araras-canindés (*Ara ararauna*) diagnosticadas com Síndrome do Arrancamento de Penas num zoológico em Cascavel – PR, e os tratamentos e medidas adotados para controle da enfermidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psitacídeos, Estresse, Enriquecimento ambiental, Enriquecimento alimentar, Autobicamento.

### 1. INTRODUÇÃO

A dieta alimentar e o manejo ambiental têm influência direta na saúde de animais que vivem em cativeiro. O controle do estresse previne o aparecimento de enfermidades e agressividade entre os animais de um mesmo recinto. Estudos da biologia da espécie podem auxiliar na escolha correta dos alimentos fornecidos e de objetos que possam ser inseridos nos recintos dos animais para que eles vivam dentro dos padrões de bem-estar esperados e próximos daqueles de vida livre.

Este artigo relata o caso de duas araras-canindés (*Ara ararauna*) com Síndrome do Arrancamento de Penas num zoológico na cidade de Cascavel – PR, e os procedimentos realizados para tratamento e controle da enfermidade.

### 2. REFERENCIAL TEÓRICO OU FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A criação de psitacídeos em cativeiro é uma atividade tecnicamente exigente e oferece riscos ao bem-estar psicológico e físico desses animais, pois não consegue proporcionar as mesmas interações disponíveis em ambiente selvagem (CARDOSO, 2010; LEIRA, 2017).

<sup>1</sup>Acadêmica de Medicina Veterinária do Centro Universitário Assis Gurgacz. E-mail: vaniamuffato@gmail.com

<sup>2</sup>Docente de Medicina Veterinária do Centro Universitário Assis Gurgacz. E-mail: edmilsonfreitas@hotmail.com



O estresse é uma resposta adaptativa, onde o organismo fisiologicamente responde a mudanças e desafios (QUEIROZ et al., 2016; LEIRA, 2017).

O animal, frente a uma situação de estresse, tenta se adaptar e se manter sua homeostasia. As respostas orgânicas desencadeiam a Síndrome Geral da Adaptação (SGA), que se divide em três fases: reação e alarme, adaptação ou estresse crônico, e exaustão. Na primeira fase o animal está sob estresse agudo, responde de forma imediata, mas retorna ao estado de equilíbrio. Se o agente estressante permanece, inicia-se a segunda fase, onde existe habituação à situação, sua resposta é diminuída, mas em um tempo maior que na primeira fase, o animal volta fisiologicamente ao estado inicial. A terceira fase envolve estresse crônico, e o animal perde a capacidade de adaptação e não retorna à homeostasia, causando desgaste físico e emocional (COPPOLA, 2015; AFONSO, 2016; LEIRA, 2017).

É comum encontrar problemas de comportamento em aves que vivem em cativeiro, pois é um ambiente controlado, com limitação de espaço e de oportunidades para o animal exibir seus comportamentos naturais, como voar, buscar e manipular seu alimento (AFONSO, 2016; LEIRA, 2017).

Os comportamentos anormais mais encontrados em psitacídeos que vivem em cativeiro são bicamento ou arrancamento de penas, agressividade, estereotípias, vocalização excessiva, automutilação, alterações em comportamentos sexuais e fobias, além de alterações em seu metabolismo e crescimento, escore corporal e sistema imune (CAJUEIRO, 2009; MARCHI et al., 2009; CARDOSO, 2010; AFONSO, 2016; QUEIROZ et al., 2016). Dentre as causas mais frequentes desses comportamentos encontram-se o tédio, o medo, a ansiedade, o estresse e a mudança repentina de ambiente (CAJUEIRO, 2009).

Existem outras causas de arrancamento de penas, como dermatites, endo e ectoparasitas, hipotireoidismo, dor, doenças reprodutivas ou sistêmicas, intoxicações, foliculite e alergias, porém o crescimento normal de penas em locais inacessíveis ao bico, como a cabeça, é um indicativo de exclusão de diagnósticos diferenciais (MARCHI et al., 2009; CARDOSO, 2010; FAGUNDES, 2013; AFONSO, 2016).

Na SAP, as aves mastigam, bicam e arrancam as penas, chegando até a mutilar a pele e musculatura (CAJUEIRO, 2009; MARCHI et al., 2009; CARDOSO, 2010; AFONSO, 2016; LEIRA, 2017). As penas têm como funções principais o isolamento térmico, impermeabilidade e auxílio no voo, mas também auxilia no acasalamento, na defesa e na agressividade territorial

(CAJUEIRO, 2009; CARDOSO, 2010). A perda do isolamento causado pelas penas pode causar hipotermia, infecção e hemorragia (AFONSO, 2016).

Cerca de 10% dos Psitacídeos em cativeiro apresentam, além da automutilação, fobias, agressividade e comportamentos estereotipados, sinais clínicos que fazem parte da Síndrome do Arrancamento de Penas (FAGUNDES, 2013; COPPOLA, 2015).

Estereotipia é o comportamento de repetição de movimentos, aparentemente sem objetivo, relacionado a uma má-adaptação atual, traumas do passado, poucos estímulos sensoriais, restrição física, impossibilidade de escape ou de lidar com frustrações, realizado por animais em cativeiro (COPPOLA, 2015; LEIRA, 2017).

A etiologia do arrancamento de penas não é possível em muitos casos, sendo o tratamento responsivo um indicativo de diagnóstico (CAJUEIRO, 2009).

O enriquecimento ambiental estimula comportamentos naturais do animal, satisfazendo as necessidades físicas e psicológicas, reduzindo o estresse e promovendo o bem-estar em cativeiro (VIEIRA, 2013; AFONSO, 2016; LEIRA, 2017).

As técnicas de enriquecimento ambiental são divididas em sociais, cognitivas, físicas, sensoriais e alimentares, sendo o último o que apresenta melhores resultados, pois aumenta o tempo de forrageamento e simula o ambiente de vida livre (COPPOLA, 2015; AFONSO, 2016; LEIRA, 2017).

As atividades de enriquecimento ambiental devem estimular a criatividade do animal, tornando seu dia menos monótono e melhorando seu bem-estar (VIEIRA, 2013). O enriquecimento ambiental deve promover procura pelo alimento, interações sociais, treino ou estimulação intelectual, atividade física e uso de brinquedos (FAGUNDES, 2013).

A alimentação é um ponto crucial na terapêutica de animais com essa síndrome (CARDOSO, 2010; FAGUNDES, 2013). O fornecimento de ração específica para a espécie, frutas e verduras é uma correção alimentar necessária para diminuir problemas comportamentais e aumentar o grau de bem-estar (AFONSO, 2016). A necessidade energética dos animais em cativeiro é menor que os de vida livre, pois as atividades físicas são restritas. (CARDOSO, 2010; AFONSO, 2016). Por isso, o fornecimento de energia através da alimentação deve ser adequado à situação (AFONSO, 2016; LEIRA, 2017).

A dieta rica em sementes resulta em deficiência nutricional severa, pois são pobres em cálcio e vitaminas A, D, E e K, e são carentes de aminoácidos essenciais, como a lisina e a



metionina (AFONSO, 2016). A deficiência ou excesso nutricional afeta o comportamento animal (CARDOSO, 2010).

O enriquecimento alimentar estimula a atividade de forrageamento dos animais, reduzindo o estresse em cativeiro, prevenindo e/ou reduzindo comportamentos anormais da espécie (AFONSO, 2016). O alimento não deve estar permanentemente no recinto, pois causa diminuição ou falta de curiosidade natural dos animais (CARDOSO, 2010; FAGUNDES, 2013). A atividade pode impedir o acesso direto ao alimento, aumentar o tempo de busca e a manipulação deste, fazer com que o animal necessite selecionar o que é do que não é comestível, e diminuir a previsibilidade da hora da alimentação (QUEIROZ, 2014; AFONSO, 2016).

A luz natural é necessária para a síntese de precursores da vitamina D, regulando a absorção de cálcio, e tem efeito na regulação glandular das aves, que é estimulada por fotoperíodos normais de luz (CARDOSO, 2010).

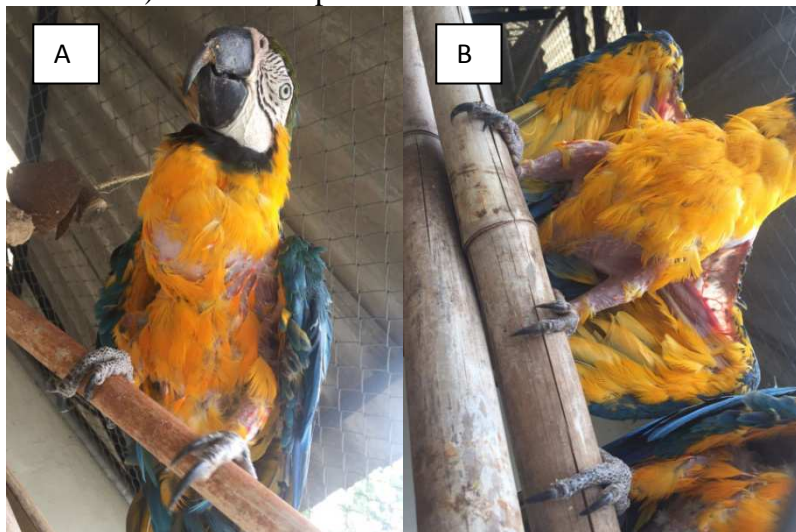
Os banhos contribuem para a qualidade das penas, estimula comportamentos de limpeza, mantendo-as em boas condições. Por isso, é importante uma fonte de água limpa no recinto. Além disso, é necessário um local quente, seco e sem correntes de ar, para secar e arranjar as penas (CARDOSO, 2010; FAGUNDES, 2013).

É fundamental que seja oferecida uma boa qualidade de vida aos animais em cativeiro, com espaço, companhia, ambientes limpos, arejados e com luz solar, enriquecimento ambiental e uma nutrição adequada (MARCHI et al., 2009), garantindo o seu bem-estar físico e psicológico. Um ambiente complexo e interativo contribui para a saúde sistêmica do animal (CARDOSO, 2010).

### **3. RELATO DE CASO**

No dia 08 de agosto de 2017, duas araras-canindés (*Ara ararauna*) foram contidas fisicamente com auxílio de puçás e transferidas de seu recinto no zoológico para outro no setor extra, pois apresentavam diversas áreas com ausências de penas pelo corpo (Figura 1), tendo como diagnóstico presuntivo pelo Médico Veterinário a Síndrome de Arrancamento de Penas (SAP) em Psitacídeos.

Figura 1 - A) Exemplar de arara-canindé com Síndrome de Arrancamento de Penas em região torácica. B) Outro exemplar com a mesma síndrome em asas e pés.



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

Em psitacídeos o autobicamento é comum, e as áreas que ficam sem penas são peito, dorso e asas (CAJUEIRO, 2009; MARCHI et al., 2009; FAGUNDES, 2013). As aves deste caso apresentavam áreas sem penas nas patas, peito e asas principalmente, mas possuíam penas sem alterações na cabeça.

O arrancamento de penas psicogênico pode ser tratado com fármacos psicoativos, como o haloperidol, aplicação de substâncias desagradáveis ao paladar nas penas, colar, bandagem, roupas, enriquecimento ambiental e enriquecimento alimentar (AFONSO, 2016).

Neste caso, durante 10 dias, foram colocados 5ml de Vit ADE® sobre o alimento e 20 gotas de solução oral de enrofloxacin na água, sem garantia de quantidade de ingestão por cada animal, não apresentando nenhum resultado. Apenas o tratamento farmacológico não deve ser usado para tratar problemas comportamentais, mas como adjuvante, potenciando as ações das mudanças no manejo e alimentação (CARDOSO, 2010; FAGUNDES, 2013).

Segundo Leira et al. (2017), mais de 90% dos trabalhos de enriquecimento ambiental obtiveram sucesso reduzindo estereotípias comportamentais de animais em cativeiro. Como enriquecimento ambiental para as araras foram utilizados galhos e estruturas pendulares com côcos secos e sabugos de milho (Figura 2). Os animais não apresentaram melhora com o tratamento, pois não houve variação dos brinquedos, e os mesmo ficaram no recinto permanentemente.



Figura 1 - A) Preparação de enriquecimento ambiental. B) Enriquecimento ambiental posicionado no recinto.



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

A dieta alimentar mais comum de aves em cativeiro é composta basicamente de sementes, ricas em gordura e pobres em minerais e vitaminas, causando diversas doenças nestes animais, afetando sua qualidade de vida (CARDOSO, 2010; AFONSO, 2016). Recomenda-se que 80% da dieta seja composta de ração, e 20% de frutas e verduras. A ração extrusada é a mais utilizada, pois permite incluir lipídios na dieta, sem alterar fisicamente o produto, melhorando o valor energético e digestibilidade do alimento (AFONSO, 2016).

Optou-se então por alterar a dieta, que consistia em 80% de sementes (milho e girassol), 18% de pedaços de frutas variadas e 2% de ração (Figura 3A), para 70% de frutas, 28% de ração e 2% de sementes (Figura 3B).

Figura 3 - A) Alimentação antes do diagnóstico. B) Alimentação reformulada.



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

O tratamento para essa síndrome deve incluir também frequente exposição à luz solar (CAJUEIRO, 2009; FAGUNDES, 2013). Foi realizada a troca de recinto dos animais deste caso para outro maior e com maior incidência de luminosidade solar. Além disso, o novo recinto possuía um recipiente de cimento com água fresca para limpeza voluntária das aves.

Um tratamento adequado da SAP deve durar no mínimo oito semanas, para que os resultados sejam graduais, atenuando os sinais clínicos e repondo as penas lesadas ou perdidas (CARDOSO, 2010). Durante o período de estágio não foi possível avaliar o resultado das trocas de alimentação e recinto.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Síndrome do Arrancamento de Penas em Psitacídeos tem múltiplas causas e o tratamento deve envolver reformulação de dieta, enriquecimento ambiental e alimentar, e a tentativa de reprodução de recinto mais próximo do ambiente de vida livre, estimulando assim o comportamento natural e diminuindo o estresse e enfermidades dos animais mantidos em cativeiro.

#### REFERÊNCIAS

AFONSO, B. C. **Influência da alimentação no bem-estar de papagaios (*Amazona aestiva* Linnaeus, 1758) (Aves, Psittacidae) em gaiolas**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências Veterinárias) – Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

CAJUEIRO, A. P. B. **Terapêutica homeopática nos distúrbios de empenamento em *Guaruba guarouba* (Ararajuba)**. 2009. Monografia (Pós-Graduação em Medicina Veterinária) – Departamento de Ensino, Instituto Hahnemanniano do Brasil, Rio de Janeiro.

CARDOSO, A. I. P. **Picacismo psicogênico em psitacídeos**. 2010. Dissertação (Mestrado em Medicina Veterinária) – Escola de Ciências Agrárias e Veterinárias, Universidade de Trás-os-montes e Alto Douro, Vila Real.

COPPOLA, M. P. **Efeito do enriquecimento ambiental na organização social do papagaio-verdadeiro (*Amazona aestiva*) mantido em cativeiro**. 2015. Dissertação (Mestrado em Medicina Veterinária) – Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade Estadual Paulista, Botucatu.

FAGUNDES, N. **Síndrome do arrancamento de penas em psitacídeos – revisão de literatura.** 2013. Monografia (Graduação em Medicina Veterinária) – Faculdade de Veterinária, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

LEIRA, M. H.; REGHIM, L. S.; CUNHA, L. T.; ORTIZ, L. S.; PAIVA, C. O.; BOTELHO, H. A.; CIACCI, L. S.; BRAZ, M. S.; DIAS N. P. Bem-estar dos animais nos zoológicos e a bioética ambiental. **Pubvet**, Londrina, v. 11, n. 7, p. 545-553, 2017.

MARCHI, M. N. A.; LEONARDO, J. M. L. O.; SANTOS, J. M. G. Síndrome do auto bicamento em aves ornamentais. In: **Anais do V Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar**, 2009, Maringá. Maringá: Centro Universitário de Maringá (CESUMAR), 2009. V. 6.

QUEIROZ, C. M. **Análise comportamental de papagaios-verdadeiros (*Amazona aestiva*) submetidos a diferentes alojamentos e condições sociais em cativeiro.** 2014. Dissertação (Mestrado em Biotecnologia Animal) – Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade Estadual Paulista, Botucatu.

QUEIROZ, C. M.; SANTOS, G. J.; DESTRO, F. C.; TEIXEIRA, C. R.; PANTOJA, J. C.; SCHMIDT, E. M. S.; PALME R.; FERREIRA, J. C. P. Resposta endócrina à contenção física e isolamento em papagaios-verdadeiros. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 36, n. 1, p. 41-45, 2016.

VIEIRA, C. B. F. **Bem-estar na experimentação animal.** 2013. Monografia (Graduação em Medicina Veterinária) – Faculdade de Veterinária, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.